

## TRANSTORNOS MENTAIS EM ESTUDANTES DE MEDICINA: REVISÃO DE LITERATURA

---

**BATISTA, Hugo, Dleon.1; BATISTA, Hianca, Natalia.1; DE SOUZA, Lucas, Landim.1; CHAVES, Marcelo, Paraiso; FERREIRA, K. D; PAULIN, Ricardo, Fabris2.**

1- Aluno do curso BACIMED ICESP; 2- Professor Doutor do curso BACIMED, Centro Universitário ICESP, Brasília, Distrito Federal.

E-mail do autor: hugodleonnunesbatista@gmail.com

---

### RESUMO

A formação médica é caracterizada por intensas exigências acadêmicas, emocionais e sociais, tornando os estudantes de medicina especialmente vulneráveis ao desenvolvimento de transtornos mentais como ansiedade, depressão, estresse e transtornos mentais comuns. Diversos estudos evidenciam prevalências alarmantes desses quadros entre acadêmicos da área, associadas a fatores como sexo feminino, falta de apoio emocional, sobrecarga acadêmica, privação de sono e dificuldades de adaptação. Diante desse contexto, este estudo teve como objetivo analisar a prevalência e os fatores associados ao sofrimento psíquico em estudantes de medicina, identificando também elementos de proteção descritos na literatura. Trata-se de uma revisão narrativa realizada entre abril e maio de 2025, com levantamento de artigos publicados entre 2006 e 2023 nas bases PubMed, SciELO, LILACS, BVS e Google Scholar, utilizando descritores em português, inglês e espanhol relacionados à saúde mental na formação médica. Foram incluídos estudos quantitativos, qualitativos e revisões que abordaram ansiedade, depressão, risco de suicídio, uso de psicotrópicos e fatores psicossociais. A análise demonstrou que, apesar da existência de fatores protetores como atividade física, espiritualidade, suporte social e inteligência emocional, esses recursos são insuficientes frente à estrutura rígida e excludente dos cursos de medicina. Conclui-se que há uma urgente necessidade de políticas institucionais permanentes de prevenção e promoção da saúde mental, com foco em estratégias de acolhimento, escuta e cuidado contínuo, como parte integrante da formação médica.

**Palavras-chave:** Saúde mental; Estudantes de medicina; Ansiedade; Depressão; Estresse psicológico; Transtornos mentais comuns.

## ABSTRACT

Medical education is characterized by intense academic, emotional, and social demands, making medical students particularly vulnerable to mental disorders such as anxiety, depression, stress, and common mental disorders. Several studies report alarming prevalence rates of these conditions among medical students, associated with factors such as female gender, lack of emotional support, academic overload, sleep deprivation, and difficulties in adaptation. In this context, the objective of this study was to analyze the prevalence and associated factors of psychological distress in medical students, as well as to identify protective elements described in the literature. This is a narrative literature review conducted between April and May 2025, based on studies published from 2006 to 2023, sourced from databases such as PubMed, SciELO, LILACS, BVS, and Google Scholar, using descriptors in Portuguese, English, and Spanish related to mental health in medical education. Quantitative, qualitative, and review studies addressing anxiety, depression, suicide risk, psychotropic use, and psychosocial factors were included. The findings revealed that, although protective factors such as physical activity, spirituality, social support, and emotional intelligence were identified, they are often insufficient against the rigid and demanding structure of medical training. It is concluded that there is an urgent need for permanent institutional policies focused on mental health promotion and prevention, emphasizing psychological support, active listening, and continuous care as essential components of medical education.

**Keywords:** Mental health; Medical students; Anxiety; Depression; Psychological stress; Common mental disorders.

---

## Introdução

A formação médica é amplamente reconhecida como um dos processos educacionais mais exigentes do ensino superior, submetendo os estudantes a uma intensa carga de estudos, exigências emocionais e contato precoce com o sofrimento humano. Esse contexto cria um ambiente altamente estressante, que afeta negativamente a saúde mental dos alunos ao longo da graduação, tornando-os mais suscetíveis a desenvolverem transtornos como ansiedade, depressão, estresse crônico e, em situações extremas, risco de suicídio (Dyrbye LN, Thomas MR, Shanafelt TD. 2015).

Estudos demonstram que a prevalência de ansiedade entre estudantes de medicina pode ultrapassar 80% em algumas instituições, número significativamente superior ao

encontrado em estudantes de outras áreas e na população geral da mesma faixa etária (Mayer FB. *et al.*, 2016).

Fatores como sexo feminino, privação de sono, insegurança quanto à competência técnica, sobrecarga acadêmica e baixa percepção de suporte institucional tem sido fortemente associados ao agravamento desse quadro (Pacheco *et al.*, 2017). Em especial, a ansiedade tende a aumentar durante os períodos de transição curricular, como o início da prática clínica, em que as exigências emocionais se intensificam (Ferreira *et al.*, 2016).

Além da ansiedade, os estudantes também apresentam altas taxas de transtornos mentais comuns (TMC), incluindo sintomas depressivos, irritabilidade, distúrbios do sono e uso frequente de psicotrópicos. A literatura brasileira aponta que esses sintomas se intensificam com a progressão do curso, sobretudo nos semestres intermediários e finais, coincidindo com maior carga horária, contato direto com pacientes e responsabilidades clínicas (Moutinho *et al.*, 2017). A pandemia de COVID-19 agravou ainda mais esse cenário, ampliando os quadros de sofrimento psíquico, especialmente entre as mulheres (Camelier-Mascarenhas *et al.*, 2013).

Apesar da presença de fatores protetores como atividade física, religiosidade, suporte social e desenvolvimento de inteligência emocional, a maioria dos estudantes não consegue aplicá-los de forma efetiva diante das pressões cotidianas do curso. Além disso, o estigma relacionado à saúde mental dentro do ambiente médico dificulta a busca por apoio especializado, contribuindo para a cronificação dos sintomas (Lima MCP, Domingues MS, Cerqueira AT. 2006). Diante desse panorama, torna-se urgente a implementação de políticas institucionais permanentes de acolhimento e cuidado, capazes de transformar o ambiente acadêmico em um espaço mais humano, preventivo e emocionalmente saudável.

Este estudo tem como objetivo principal analisar, de forma abrangente, a prevalência da ansiedade e de outros transtornos mentais entre estudantes de medicina, explorando os fatores de risco e proteção que influenciam a saúde mental ao longo da formação acadêmica. Busca-se compreender como as exigências estruturais do curso, as variáveis pessoais e as condições institucionais interagem na constituição do sofrimento

psíquico dos discentes, especialmente diante de cenários agravantes como a pandemia de COVID-19. Além disso, pretende-se discutir criticamente as respostas institucionais frente a esse adoecimento, destacando lacunas, possibilidades de intervenção e estratégias efetivas de promoção do bem-estar emocional no ambiente universitário. Ao reunir e interpretar os principais achados da literatura, o estudo visa fornecer subsídios teóricos e práticos que contribuam para o desenvolvimento de políticas educacionais mais humanas e integradoras.

## **Metodologia**

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, com o objetivo de reunir, descrever e analisar criticamente os principais achados científicos sobre a prevalência de transtornos mentais e seus fatores associados entre estudantes de medicina. Esta abordagem permite uma discussão ampla e interpretativa das evidências disponíveis, favorecendo a construção de um panorama integrado do tema.

A seleção dos artigos foi realizada entre os meses de abril e maio de 2025, a partir da leitura crítica e sistemática de estudos publicados em periódicos científicos nacionais e internacionais. Foram considerados artigos empíricos e de revisão, com acesso completo, que abordassem temas como ansiedade, depressão, estresse, transtornos mentais comuns (TMC), uso de psicotrópicos, risco de suicídio, fatores de risco e estratégias de enfrentamento entre estudantes de medicina.

A busca e seleção dos materiais foram orientadas por critérios de relevância, diversidade metodológica e atualidade dos dados. Incluíram-se publicações com delineamentos quantitativos (transversais, longitudinais, meta-análises), qualitativos e mistos, priorizando-se artigos publicados entre os anos de 2006 e 2023 em SciELO, LILACS, BVS. Também foram incluídos estudos latino-americanos que contemplassem especificidades culturais relevantes para o contexto da formação médica.

Após a seleção, os artigos foram lidos integralmente e analisados com base em quatro eixos temáticos principais: (1) prevalência dos transtornos mentais; (2) fatores de risco associados; (3) fatores de proteção identificados; e (4) implicações institucionais e

propostas de intervenção. As informações extraídas foram organizadas de forma crítica e articulada, compondo uma síntese interpretativa dos achados.

Embora não tenha seguido protocolos sistemáticos como PRISMA ou critérios de análise estatística, esta revisão visa contribuir com uma análise aprofundada e integrativa do tema, oferecendo subsídios teóricos e práticos para o desenvolvimento de políticas institucionais de promoção da saúde mental em cursos de Medicina.

## Revisão de Literatura

### 2.1 Saúde Mental na Contemporaneidade

Diversos estudos nacionais e internacionais têm revelado a alta prevalência de transtornos mentais — como ansiedade, depressão, estresse e transtornos mentais comuns (TMCs) — entre estudantes de medicina. Inseridos em um ambiente de formação marcado por intensas cobranças, carga horária exaustiva e contato precoce com o sofrimento humano, esses estudantes mostram-se particularmente vulneráveis ao adoecimento psíquico (Pacheco JP. *et al.*)

Tabalipa *et al.* (2015), em uma universidade do sul do Brasil, identificaram prevalências de 35,5% para ansiedade e 32,8% para depressão, associadas à pressão familiar, ao sexo feminino e à preocupação com o futuro profissional. Resultados semelhantes foram encontrados por Mayer *et al.* (2016), em um estudo multicêntrico com 22 escolas brasileiras, que apontou 41,3% de depressão e mais de 80% de ansiedade, evidenciando a gravidade do cenário. Além disso, os autores destacaram a baixa percepção de suporte institucional, o que tende a agravar o sofrimento dos alunos.

Pesquisas como as de Pacheco *et al.* (2017) e Ferreira *et al.* (2016) reforçam que esse sofrimento tende a se intensificar ao longo do semestre, com aumento da prevalência de TMCs e forte associação com a má qualidade do sono. A falta de apoio emocional e as dificuldades interpessoais também figuram como fatores recorrentes (Fiorotti *et al.*, 2010; Lima *et al.*, 2006). Estudantes com histórico de dificuldades na infância, timidez ou sentimento de rejeição apresentam maior risco de desenvolver sintomas psiquiátricos.

## 2.2 Ansiedade e Transtornos Mentais no Contexto Acadêmico

Aspectos de gênero são frequentemente mencionados, Camelier-Mascarenhas *et al.* (2023) demonstraram que, durante a pandemia, estudantes do sexo feminino apresentaram maiores índices de sintomas depressivos e ansiosos, além de níveis mais baixos de resiliência. De modo semelhante, Vasconcelos *et al.* (2015) e Nogueira *et al.* (2021) observaram que alunas têm maior propensão ao uso de psicotrópicos, além de relatarem insônia e insatisfação com o desempenho acadêmico.

Fasanella *et al.* (2022) evidenciam o aumento do uso de psicotrópicos ao longo da formação médica, especialmente antidepressivos e benzodiazepínicos, geralmente prescritos por psiquiatras. Esses achados dialogam com os de Rocha e Sassi (2013), que observaram maior prevalência de TMCs em alunos nos períodos intermediários do curso — fase marcada por transição e intensa adaptação emocional.

## 2.3 Fatores de Risco para Transtornos Mentais em Estudantes de Medicina

Quanto aos fatores protetores, diversos autores destacam o papel positivo da atividade física, espiritualidade e inteligência emocional. Ayala Servín *et al.* (2021) demonstraram que altos níveis de inteligência emocional estão negativamente correlacionados com sintomas de ansiedade e depressão. Do mesmo modo, Arrascue e Quispe (2023) indicaram que estudantes mais ativos fisicamente tendem a apresentar menos sintomas emocionais, ainda que essa associação não tenha alcançado significância estatística.

Estudos com foco em fatores neurobiológicos, como os de Kalin (2020) e Lopes *et al.* (2020), reforçam que traços ansiosos e transtornos de humor têm componentes genéticos relevantes. A relação entre ansiedade e risco de suicídio, evidenciada por Lopes *et al.* em pacientes com transtorno bipolar, também aparece na população estudantil. Trindade Júnior *et al.* (2021) identificaram que 32,7% dos estudantes apresentavam

transtorno de ansiedade generalizada (TAG) e 30,2% apresentavam risco de suicídio — sendo que metade desses casos estava associada à presença de TAG.

No contexto latino-americano, pesquisas como as de Arisyna *et al.* (2020) e Torres-Romero *et al.* (2022) ampliam a compreensão da relação entre ansiedade, transtorno obsessivo-compulsivo (TOC) e fatores socioeconômicos. Vulnerabilidade ao estresse, histórico médico pessoal e relações familiares conflituosas figuram entre os principais correlatos da ansiedade.

Já estudo qualitativo de Zonta *et al.* (2006) ressalta a importância das estratégias positivas de enfrentamento, como organização do tempo, autocuidado, apoio social e espiritualidade. No entanto, mesmo diante dessas estratégias, muitos estudantes relatam dificuldades em aplicá-las de modo eficaz, acabando por recair em quadros de exaustão emocional, insônia e desmotivação.

A ansiedade tem se consolidado como um dos transtornos mentais mais recorrentes entre estudantes de medicina, sendo amplamente documentada tanto em estudos nacionais quanto internacionais. Sua elevada prevalência, aliada à persistência dos sintomas ao longo da graduação e ao impacto significativo no desempenho acadêmico, interpessoal e funcional desses estudantes, revela a necessidade de aprofundamento específico sobre essa condição. A literatura aponta que essa vulnerabilidade está relacionada a múltiplos fatores, incluindo a sobrecarga curricular, a competitividade do ambiente acadêmico, o contato precoce com situações de sofrimento humano e a pressão constante por excelência (Moutinho *et al.*, 2017). De acordo com Pacheco *et al.* (2017), os níveis de sofrimento psíquico entre alunos de medicina brasileiros são significativamente superiores aos de estudantes de outras áreas, o que sugere uma associação direta entre as características estruturais do curso médico e o adoecimento mental. Estudos multicêntricos, como o de Mayer *et al.* (2016), indicam que mais de 80% dos estudantes de medicina apresentam sintomas de ansiedade em algum momento da formação. Tais dados reforçam a urgência de compreender a ansiedade não apenas como uma resposta individual ao estresse, mas como um fenômeno multifatorial, que exige abordagens institucionais de prevenção, acolhimento e cuidado.

Mayer *et al.* (2016), ainda relata em seus estudos que 22 escolas médicas brasileiras evidenciaram taxas alarmantes de ansiedade, superando 80% entre os participantes. Esses índices reforçam a percepção de que a ansiedade, muitas vezes natural em situações de avaliação, atinge um patamar patológico na formação médica, afetando diretamente o desempenho acadêmico e a saúde física e emocional do estudante. De forma semelhante, Pacheco *et al.* (2017), em meta-análise com dados de diversas instituições brasileiras, confirmam a tendência de agravamento dos sintomas ansiosos conforme o aluno avança no curso.

A análise longitudinal feita por Ferreira *et al.* (2016) mostrou que os sintomas de ansiedade aumentam substancialmente nas fases intermediárias e finais do curso, coincidindo com o início da prática clínica. Esse dado dialoga com Rocha e Sassi (2013), que observaram que as maiores taxas de transtornos mentais, especialmente de natureza ansiosa, ocorrem no momento da transição entre a teoria e a prática, quando as exigências emocionais se intensificam.

Fatores como insônia, excesso de carga horária, medo de avaliações, insegurança em relação à competência técnica e falta de tempo para atividades de lazer aparecem recorrentemente como preditores da ansiedade, conforme apontado por Fiorotti *et al.* (2010) e Lima *et al.* (2006). Além disso, a pandemia de COVID-19, como relatado por Camelier-Mascarenhas *et al.* (2023), acentuou ainda mais esse quadro, especialmente entre estudantes do sexo feminino, que relataram altos níveis de sintomas ansiosos e menor capacidade de enfrentamento.

O gênero feminino, aliás, tem sido sistematicamente identificado como mais vulnerável à ansiedade. Vasconcelos *et al.* (2015) e Nogueira *et al.* (2021) observaram que mulheres apresentam maior propensão ao uso de psicotrópicos e relatam insatisfação com o desempenho acadêmico, além de sofrimento emocional exacerbado em contextos de alta pressão. Essa vulnerabilidade pode estar relacionada tanto a fatores biológicos quanto a papéis sociais internalizados, como perfeccionismo, autocobrança e maior sensibilidade interpessoal.

A perspectiva neurobiológica, explorada por Kalin (2020), traz contribuições importantes ao demonstrar que a ansiedade está relacionada à ativação disfuncional de circuitos cerebrais ligados ao medo, principalmente a amígdala e o córtex pré-frontal. Lopes *et al.* (2020) complementam essa abordagem ao mostrar que há uma correlação entre risco poligênico para ansiedade e comportamentos de risco, incluindo ideação suicida, o que reforça a importância do acompanhamento psicológico estruturado e contínuo.

A associação entre ansiedade e risco de suicídio é confirmada por Trindade Júnior *et al.* (2021), que apontaram que 32,7% dos estudantes avaliados apresentavam transtorno de ansiedade generalizada (TAG), e 30,2% tinham risco de suicídio, sendo a maioria dos casos com risco elevado fortemente associada à presença de TAG. Esses achados reforçam o caráter grave e incapacitante da ansiedade não tratada.

Do ponto de vista internacional, Puthran *et al.* (2016) estimaram uma prevalência média global de 33,8% para ansiedade entre estudantes de medicina, confirmando a universalidade da questão. Arisyna *et al.* (2020), na Indonésia, mostraram que fatores como pressão acadêmica, ambiente familiar conflituoso e falta de suporte institucional são determinantes para o surgimento de sintomas ansiosos. Torres-Romero *et al.* (2022), em estudo latino-americano, indicaram que estudantes de baixa renda relatam níveis mais elevados de ansiedade, sugerindo uma intersecção entre sofrimento psíquico e desigualdades socioeconômicas.

## 2.4 Fatores de Proteção e Estratégias de Enfrentamento

Em relação aos fatores de enfrentamento, alguns estudos oferecem perspectivas esperanças. Ayala Servín *et al.* (2021) demonstraram que estudantes com maior inteligência emocional apresentam menor prevalência de ansiedade. Arrascue e Quispe (2023) encontraram correlação positiva entre prática regular de atividade física e menor frequência de sintomas ansiosos, embora reconheçam limitações metodológicas nos dados. Zonta *et al.* (2006) ressaltam que a espiritualidade, o autocuidado e a organização

peçoal podem funcionar como moderadores da ansiedade, embora muitas vezes sejam subutilizados ou ignorados no ambiente médico.

## 2.5 Barreiras Institucionais e Estigma

O estigma ainda representa uma barreira substancial à busca por ajuda. Muitos estudantes evitam procurar atendimento psicológico por receio de julgamento, de parecerem fracos ou de sofrerem represálias acadêmicas (Mayer *et al.*, 2016; Lima *et al.*, 2006). Essa cultura de silêncio sobre a saúde mental dentro da medicina contribui para a cronificação dos sintomas e a perpetuação de ciclos de sofrimento.

A Tabela 1 que será apresentada logo abaixo, sintetiza dados extraídos de estudos relevantes que investigaram a prevalência de sintomas de ansiedade e depressão entre estudantes de medicina em diferentes contextos. Os resultados revelam uma expressiva variabilidade nos índices, com taxas que ultrapassam 80% para ansiedade em algumas instituições brasileiras (Mayer *et al.*, 2016), indicando um padrão de sofrimento psicológico que acompanha os estudantes ao longo da formação. Esse padrão não se limita ao Brasil: a meta-análise de Puthran *et al.* (2016) confirma que a ansiedade é uma condição amplamente disseminada entre acadêmicos de medicina em diferentes países. Outros estudos, como os de Tabalipa *et al.* (2015) e Trindade Júnior *et al.* (2021), reforçam a magnitude do problema ao apontarem índices significativos de transtorno de ansiedade generalizada (TAG), frequentemente associados a risco de suicídio.

Notadamente, os dados coletados durante a pandemia de COVID-19 evidenciaram uma intensificação desses quadros, sobretudo entre as mulheres, indicando que variáveis contextuais e de gênero agravam ainda mais a vulnerabilidade emocional dos estudantes (Mascarenhas *et al.*, 2023). Esses achados reforçam a importância de considerar o impacto estrutural e psicossocial do ambiente acadêmico na saúde mental discente.

**Tabela 1:** Prevalência de sintomas de ansiedade e depressão entre estudantes de medicina.

Autor(es)	Ano	Local/População	Ansiedade (%)	Depressão (%)
Tabalipa et al.	2015	Sul do Brasil	35,5	32,8
Mayer et al.	2016	22 escolas do Brasil	>80	41,3
Puthran et al.	2016	Meta-análise internacional	33,8	27,2
Trindade Júnior et al.	2021	Brasil	32,7 (TAG)	—
Camelier-Mascarenhas et al.	2023	Durante a pandemia	Alta (mulheres)	Alta (mulheres)

**Fonte:** Mayer *et al.*, 2016.

### Considerações Finais

A análise da literatura sobre a saúde mental de estudantes de medicina revela um cenário preocupante e multifacetado, marcado pela alta prevalência de transtornos mentais, especialmente ansiedade, e pela persistência de fatores estruturais que dificultam avanços concretos na promoção do bem-estar emocional no ambiente acadêmico. Ainda que muitos dos estudos apontem dados alarmantes como a frequência elevada de sintomas ansiosos e depressivos e o uso crescente de psicofármacos, é notável que a resposta institucional ainda permanece tímida, muitas vezes centrada em ações pontuais ou de caráter paliativo. A conjugação de vulnerabilidades individuais com pressões institucionais e socioculturais resulta em um modelo de formação que, embora eficaz na construção de competências técnicas, frequentemente negligencia o desenvolvimento emocional dos futuros médicos.

O reconhecimento da complexidade desse adoecimento psíquico exige uma abordagem que vá além da identificação dos sintomas. É preciso questionar os próprios alicerces do modelo educacional médico, marcado por exigências contínuas, competitividade excessiva e ausência de espaços de escuta genuína. Tais características não apenas contribuem para o sofrimento emocional dos estudantes, mas também moldam

um profissional da saúde muitas vezes exausto, insensível às próprias limitações e, por consequência, menos preparado para oferecer cuidado humano aos seus pacientes.

Nesse contexto, os fatores de proteção identificados como a prática de atividade física, suporte social, religiosidade e inteligência emocional devem ser compreendidos não como soluções isoladas, mas como elementos que precisam ser integrados a uma política institucional estruturada. Promover oficinas de habilidades socioemocionais, fortalecer o acesso a acompanhamento psicológico permanente, criar núcleos de acolhimento estudantil e fomentar uma cultura de empatia e escuta dentro das faculdades de medicina são estratégias que podem contribuir significativamente para a reversão desse quadro.

A ansiedade entre estudantes de medicina configura-se como um fenômeno complexo, que envolve fatores pessoais, institucionais, sociais e biológicos. A revisão da literatura sugere uma prevalência significativa desse transtorno ao longo da graduação, assim como destaca a diversidade dos elementos que contribuem para sua manifestação. Entre os aspectos mais mencionados estão a sobrecarga acadêmica, a escassez de espaços de escuta, a dificuldade de acesso a suporte psicológico e o estigma que ainda cerca a saúde mental no ambiente médico. Esses fatores, combinados, parecem criar um cenário que favorece o sofrimento emocional dos estudantes. Diante disso, torna-se relevante considerar estratégias institucionais mais consistentes que promovam o cuidado com a saúde mental, estimulem habilidades emocionais e favoreçam ambientes acadêmicos mais acolhedores. Embora algumas iniciativas já estejam em curso, os dados apontam para a necessidade de ampliar e consolidar essas ações, a fim de contribuir para uma formação mais equilibrada e humanizada.

Portanto, não se trata apenas de mitigar os danos já instalados, mas de transformar o ambiente de formação médica em um espaço que valorize o estudante como sujeito integral — não apenas como futuro profissional, mas como indivíduo em processo de amadurecimento. Tal transformação é um imperativo ético, social e acadêmico, essencial não apenas para a saúde dos próprios estudantes, mas para a construção de uma medicina mais humana, sensível e comprometida com o cuidado em todas as suas dimensões.

## Referências

ALMEIDA AM, COUTINHO ESF, MENESES PR. Transtornos mentais comuns entre estudantes de medicina. *J Bras Psiquiatr.* 2007;56(3):192–6.

ARISYNA F, SUSTINI F, MUHDI N. Anxiety level and risk factors in medical students. *Juxta.* 2020;11(2):81–8.

ARRASCUE J, QUISPE A. Asociación entre los niveles de actividad física y los síntomas de depresión y ansiedad en estudiantes de Medicina Humana. *Rev Neuropsiquiatr.* 2023;86(3):151–7.

AYALA Servín P, BENÍTEZ D, GAMARRA L, ROJAS M, OCAMPOS R, BENÍTEZ J. Inteligencia emocional asociada a niveles de ansiedad y depresión en estudiantes de Medicina. *An Fac Cienc Méd (Asunción).* 2021;58(3):46–52.

CAMILIER-MASCARENHAS M, SANTOS VM, PRATA A, ALMEIDA Júnior HL, CAMILIER AA. Mental health evaluation in medical students during academic activity suspension in the pandemic. *Rev Bras Educ Med.* 2023;47(1):e015.

ESCOBAR R, PIVA Demarco G, SALUM GA, KIELING C, POLANCZYK GV. Assessing the mental health of Brazilian students involved in risky behaviors. *Int J Environ Res Public Health.* 2020;17(11):3803.

FASANELLA L, OLIVEIRA BP, SAMPAIO CV, FERREIRA-SANTOS R, CARVALHO D. Use of prescribed psychotropic drugs among medical students and associated factors: a cross-sectional study. *Sao Paulo Med J.* 2022;140(6):685–91.

FERREIRA CMG, CARVALHO JS, MATOS FP, GUIMARÃES SB, VASCONCELOS DF, FERREIRA IB. Prevalência de transtornos mentais comuns e fatores associados em estudantes de Medicina: um estudo comparativo. *Rev Bras Educ Med.* 2016;40(4):617–25.

FIOROTTI KP, SANTOS MCF, FERNANDES LF, SALLES MM, LIMA AAR. Transtornos mentais comuns entre os estudantes do curso de Medicina: prevalência e fatores associados. *J Bras Psiquiatr.* 2010;59(1):17–23.

KALIN NH. Novel insights into pathological anxiety and anxiety-related disorders. *Am J Psychiatry*. 2020;177(3):197–208.

LIMA MCP, DOMINGUES MS, CERQUEIRA ATAR. Prevalência e fatores de risco para transtornos mentais comuns entre estudantes de medicina. *Rev Saude Publica*. 2006;40(6):1035–41.

LOPES FL, GADELHA A, OTA VK, SANTORO ML, CHRISTOFOLINI DM, BRENTANI HP, *et al*. Polygenic risk for anxiety influences anxiety comorbidity and suicidal behavior in bipolar disorder. *Transl Psychiatry*. 2020;10(1):1–9.

MAYER FB, SANTOS IS, SILVEIRA PSP, LOPES MH, SOUZA ARND, CAMPOS EP, *et al*. Factors associated to depression and anxiety in medical students: a multicenter study. *BMC Med Educ*. 2016;16:282.

MOUTINHO ILD, MADDALENA NDCR, ROLAND RK, LUCCHETTI ALG, TIBIRIÇA SHC, EZEQUIEL OS, *et al*. Depression, stress and anxiety in medical students: a cross-sectional comparison between students from different semesters. *Rev Assoc Med Bras*. 2017;63(1):21–8.

NOGUEIRA EG, SOARES S, FERREIRA E, NOGUEIRA F. Avaliação dos níveis de ansiedade e seus fatores associados em estudantes internos de Medicina. *Rev Bras Educ Med*. 2021;45(1):e019.

PACHECO JP, GIACOMIN HT, TAM WW, RIBEIRO TB, ARAB C, BEZERRA IM, *et al*. Mental health problems among medical students in Brazil: a systematic review and meta-analysis. *Rev Bras Psiquiatr*. 2017;39(4):369–78.

PUTHRAN R, ZHANG MW, TAM WW, Ho RC. Prevalence of depression amongst medical students: a meta-analysis. *Med Educ*. 2016;50(4):456–68.

ROCHA ES, SASSI AP. Transtornos mentais menores entre estudantes de Medicina. *Rev Bras Educ Med*. 2013;37(2):192–201.

SACRAMENTO AC, FARIAS ML, DE SOUZA ACS, NASCIMENTO EFB. Sintomas de ansiedade e depressão entre estudantes de Medicina: estudo de prevalência e fatores associados. *Rev Bras Educ Med*. 2021;45(1):e012.

TRINDADE Júnior SC, ARAÚJO Z, CERQUEIRA EMF. Generalized anxiety disorder and prevalence of suicide risk among medical students. *Rev Bras Educ Med.* 2021;45(3):e127.

TORRES-ROMERO D, TORALES J, ROJAS C, RIVEROS A. Análisis de la correlación del trastorno obsesivo-compulsivo con la ansiedad de estudiantes universitarios de Medicina. *Rev Cient Cienc Med.* 2022;25(2):120–30.

VASCONCELOS TC, DIAS B, ANDRADE LR, NOGUEIRA LT. Prevalência de sintomas de ansiedade e depressão em estudantes de Medicina. *Rev Bras Educ Med.* 2015;39(1):135–42.

ZONTA R, ROBLES ACC, GROSSEMAN S. Estratégias de enfrentamento do estresse desenvolvidas por estudantes de Medicina da Universidade Federal de Santa Catarina. *Rev Bras Educ Med.* 2006;30(2):85–94.